

inanimados ou sem detalhes, os quais venham a ser substituídos por representações que expressem maiores detalhes, principalmente de caráter cartográfico. Estes poderão estar refletidos na escala de representação entre a casa e a escola, na relação de localização e direção, como “Norte e Sul” e “mais acima ou mais embaixo”, entre outras, bem como apresentar outros detalhes e características como paisagens e transformações espaciais. Queremos também conscientizar os professores das séries referentes, da importância do incentivo de atividades desta ordem em sala de aula, com tais atividades, poderá ser proporcionado aos alunos uma base mais aprimorada para o ensino que receberão nos anos seguintes, a fim de que possam obter melhor desempenho, como por exemplo, nas aulas de Geografia.

Palavras-chave: percepção, cartografia e geografia

### 4.3. POSTERS

#### A CONSTRUÇÃO DE MAQUETES NO ENSINO DE GEOGRAFIA

ANDRÉ GOMES DA CONCEIÇÃO  
MARIA DE FÁTIMA PEREIRA ABRANTES  
IGEO/UFRJ  
fatinha@igeo.ufrj.br

O ensino da geografia necessita da cartografia para tornar concreto o que está sendo estudado, ou seja, tornar possível analisar um movimento ou evento, num mapa, apesar de toda fluidez que muitos processos estudados tenham, como o clima, os fluxos de pessoas, de mercadorias, etc. Assim torna-se imperativo a utilização do mapa para a geografia. O mapa é ao mesmo tempo imagético e discursivo, se põe como denominador comum entre o que é da ordem visual e o que é da ordem do auditivo. O aluno leva a aula para casa, pois o quê se quer estudar está impresso no mapa. A escrita permite interpretações que transcendem muitas vezes as idéias e a percepção do professor, que ao invés de negar o que foi dito pode complementar a aula, pois ali está uma representação da realidade, e a nossa vivência e individualidade nos permitem uma análise única. Nesse momento surgem os problemas, pois uma análise da escrita só existe se esta é entendida pelo leitor, se o alvo que é o aluno consegue ler o mapa para chegar a uma interpretação crítica. Temos que entender o mapa como um produto social, e a sua leitura tem que ser aprendida, ao contrário de instintos naturais comuns ao homem. Este é o desafio, ensinar a ler o mapa para se ensinar geografia.

Assim, aprender orientação, ler uma legenda, entender uma fronteira e estabelecer um limite, ou perceber as escalas apresentadas, significam importantes passos que o aluno deve dar para começar inclusive um estudo mais abrangente e crítico da geografia. Esse trabalho vai tentar mostrar como a leitura de mapas (entendimento das convenções cartográficas e interpretação do representado) pode ser facilitada com a construção de uma maquete e, no caso específico, de uma maquete fruto de um mapa hipsométrico e um mapa de domínios morfoclimáticos, ambos na mesma escala global. Podemos analisar a leitura de um mapa de cotas de altitudes, que tenta mostrar a tridimensionalidade do espaço num plano bidimensional, numa folha de papel. É inegável que esta transferência, de imaginar algo tridimensional desenhado em duas dimensões, pressupõe poder de abstração, diretamente proporcional à maturidade. Sendo assim, quanto mais jovem o aluno, maiores serão as dificuldades de trabalhar este tipo de mapa. A maquete representa o mesmo espaço sem haver a necessidade da transferência de uma dimensão para outra e, consequentemente, torna mais fácil o entendimento por parte da criança. Dessa forma, a maquete apresentará de fato um lugar mais alto que outro, não necessitando da interpretação e abstração que farão do lugar com cor diferente ou envolto pela mesma curva de nível, mais alto que os próximos.

Palavras-chave: maquete, maturidade, abstração